

DE PRISÕES E APRENDIZAGENS EM REDE: AVA E O CONCEITO H

Cleomar Rocha¹

Resumo

O artigo discute o isolamento dos AVA e propõe um novo conceito, o de ambiente de gestão da aprendizagem, ou simplesmente H. Nesta concepção, o AVA é toda a Internet e a sala, denominada H, é um ambiente para gestão, não constituindo o ambiente mesmo de aprendizagem, mas o ambiente de orientação de novas descobertas.

Palavras-chave: educação a distância, aprendizagem, cibercultura.

Abstract

The article discusses the isolation of the AVA and proposes a new concept of management environment of e-learning, or simply H. In this conception, AVA is all over the Internet and the room, called H, is an environment for management of the learning.

Keywords: e-learning; ciberculture, web.

Sobre ambientes virtuais de aprendizagem e Internet

As atividades em ambientes virtuais de aprendizagem têm se tornado, por assim dizer, atividades isoladas em rede, visto que as salas, em quaisquer plataformas de ensino, têm sido usadas como ambientes dotados de uma série de serviços, como estratégia de autossuficiência. Em outros termos, estão isoladas na Internet. Os alunos e professores (também chamados tutores ou orientadores) restringem suas ações aos ambientes – AVA - e suas possibilidades. Todas as atividades, de postagem, de fórum, salas de bate-papo, mensagens instantâneas ou não, enfim, as atividades estão definidas e delimitadas ao espaço do AVA, sendo que

1 Pós-doutorado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital pela PUC-SP; Pós-doutorado em Estudos Culturais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Pós-doutorado em Poéticas Interdisciplinares pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia; Mestrado em Arte e Tecnologia da Imagem pela Universidade de Brasília; Graduação em Letras pela Faculdade de Educação Ciências e Letras de Iporá. Professor da Universidade Federal de Goiás; Coordenador do Media Lab da UFG. cleomarrocha@gmail.com.

quaisquer tentativas de se utilizar recursos externos não apenas não são incentivadas, mas são desaconselhadas ou mesmo impedidas. Cria-se uma microestrutura isolada no grande universo da informação, a Internet.

É comum vermos serviços de mensagens instantâneas, salas de bate-papo, galerias, calendários, perfis, fóruns de discussão, ferramentas wiki, e mais uma série de outros serviços sendo oferecidos nos ambientes criados para cursos da modalidade a distância. Ocorre, contudo, que tais serviços não apresentam desenvoltura igual ou superior a ferramentas de mesmas funções tidas gratuitamente na Internet, e que são usadas mundialmente. Outro ponto a considerar é que os serviços oferecidos nos AVA são de uso restrito, podendo configurar, por exemplo, uma pequena comunidade, mas estando impossibilitada de estabelecer laços ou elos com outras comunidades, pela restrição de acesso. Somente alunos e professores daqueles cursos frequentam o ambiente. A visibilidade é mínima, e os contatos são restritos àquele grupo.

A consequência imediata é que os alunos deixam de conhecer todo um universo de serviços, deixam a possibilidade de se inscreverem na Internet com os vínculos que ultrapassam fronteiras, culturas, idiomas, e propiciam novas experiências. Perdem a possibilidade de vivenciar a rede mundial de computadores ou simplesmente de se estabelecerem na rede. O isolamento está longe de ser um exercício de e em rede de aprendizagem, menos ainda um exercício de autonomia do pensamento.

O conceito H

Como alternativa a este contexto, desenvolvemos o conceito de Ambiente de Gestão de Aprendizagem, AGA ou simplesmente H. Este conceito estabelece vários pontos de conexão, como sugere o gráfico 1, uma metáfora visual do caractere H conectado, em rede.

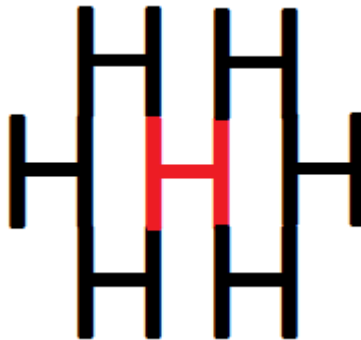


Gráfico 1: Metáfora visual do caractere H conectado.

O gráfico sugere que o H compõe a malha, a rede, é elemento desta rede, não se mantendo isolado do conjunto (a cor foi alterada tão somente para fins de melhor visualização). Suas hastes se vinculam formalmente a outros elementos, formando um *continuum* da rede.

Deixando a metáfora visual e recorrendo a outra metáfora, desta vez de cunho narrativo, tentemos melhor dimensionar o conceito proposto: H é um porto de onde partem e aonde chegam navios desbravadores, indo e vindo do mar de informações, de grandes navegações que respondem por grandes descobertas. Neste porto os navios, recebem mapas, rotas e missões, devendo retornar ali ao fim de cada etapa, mantendo a comunicação com a frequência necessária para o acompanhamento da viagem. Como a velocidade de deslocamento é instantânea, a cada dúvida o navio pode retornar ao porto, usando teletransporte e/ou duplicando-se, mantendo-se lá e cá, no porto e em mar aberto, recebendo esclarecimentos e orientações. Já o trabalho de reconhecimento de território, inspeção, análise, comparação, pesquisa, este sim requer tempo maior, devendo o navio ter o tempo necessário para cumprir cada uma destas etapas *in loco*. Ainda assim, surgindo qualquer questão, poderá haver o retorno instantâneo para o porto H, para instruções e orientações.

O porto, neste caso, é um H, um ambiente onde o aluno recebe instruções e orientações, além de reportar suas descobertas e relatar as missões finalizadas. Já o ambiente de aprendizagem é toda a Internet, com todos os serviços, sites, correios

eletrônicos, usuários diversos, serviço de mensagens instantâneas, salas de bate-papo, fóruns, websites e tantos outros, que serão usados na medida da necessidade e interesse da pesquisa/consulta que os alunos farão, sempre com a orientação de seu porto, que lhe dirá caminhos possíveis, serviços e endereços que podem auxiliar o aluno em sua formação. Assim, antes de colocar um texto disponível no AVA, o aluno terá a missão de procurá-lo, ainda que ao final seja necessário indicar a URL onde o texto está disponível. Antes de restringir as discussões aos alunos, em um AVA, o aluno terá a indicação do tema, podendo discutir com seus colegas, com pesquisadores, autores de textos de referências, enfim, buscar um diálogo mais amplo, colocando os resultados em fóruns, ambientes wiki, blogs, fotologs, videoblogs e outros, indicando ao professor/orientador/tutor a URL de seu trabalho, mas não o obrigando a postar em um ambiente específico. A estratégia é fazer o aluno emaranhar-se na rede, passando a ser parte integrante dela, um sujeito ativo não em um ambiente fadado ao fechamento, como são os AVA, mas um internauta que constrói seus vínculos, podendo, após o curso, manter sua rede de amigos, sua conta de e-mail, suas discussões em listas, enfim, mantendo o que construiu ao longo do curso, ampliando e desdobrando seus esforços e resultados. Abrimos caminho, em última instância, para a educação continuada.

O Ambiente de Gestão da Aprendizagem (H) é um espaço reduzido onde cabem discussões e bate-papo e vários endereços ou formas de acesso, fora do módulo H. Uma pequena sala de orientação. Todo o material de apoio estará distribuído na Internet, e em construção. O controle não se dá pelo acesso ou pela permanência em um ponto específico, falsa medida de aferição que escamoteia o objetivo da atividade. Retomamos o princípio da avaliação, deixando de lado a relação análoga de aferição de presença, na modalidade presencial, a partir de acessos ou frequência. Assumimos a educação a distância como ela é. O que nos apontam os resultados são os relatos, descobertas, conquistas, enfim, o aprendizado.

Aplicação do conceito: método

Posto como acima, parece ser fácil a aplicação do conceito, possível somente na efetivação de cursos. Mas não é tarefa fácil. Para a implantação do conceito, há de se observar a formação da equipe de tutoria, que deverá ser capaz de orientar o aluno em vários serviços da Internet, além de desenvolver pesquisas constantes, informando aos alunos os endereços de interesse para o curso. Talvez esta especialidade da equipe seja o ponto de principal dificuldade, não fosse o problema que os próprios alunos apresentam, pelo baixo contato de alguns com as tecnologias computacionais. A inaptidão de alguns alunos tomam boa parte do tempo da equipe de tutoria, enquanto que aqueles com maior desenvoltura requerem uma atenção pelo motivo contrário: enquanto os primeiros são muito dependentes, os últimos querem ser independentes, esquivando-se da mediação, tentando converter o curso em autoinstrucional. Ambos os casos requerem atenção e representam um desafio ao método. A heterogeneidade da turma pode ser vista, em princípio, com um problema, mas de fato não o é. Nesses casos, os alunos com maior desenvoltura devem auxiliar os de baixo desempenho instrumental, uma espécie de monitoria tecnológica. Desse modo, minimizam-se ambos os problemas. Ainda assim, a mediação e acompanhamento são pontos-chaves do método.

O método requer um estado de prontidão regular do corpo docente. Sem essa prontidão, as possibilidades de desvirtuamento da aprendizagem, face à característica rizomática da Internet, se multiplicam. Cabe ao corpo docente proceder ao acompanhamento do aluno, com a regularidade necessária, localizando seus percursos, como se estivesse em uma torre de comando, acompanhando um voo. Este acompanhamento pontual requer uma modulação compatível com a exequibilidade do processo. Ainda que não se defina um módulo de vinte alunos por tutor ou orientador, por poder efetivamente ser um módulo maior, contraindica-se uma modulação igual ou superior a cinquenta alunos por tutor, exceto para educação continuada, que efetivamente poderá ultrapassar este número. Quanto ao módulo exato, isto dependerá do nível da turma e da proatividade daquele que faz o acompanhamento, tutor, professor ou orientador. A medida virá com a definição da capacidade do responsável frente às demandas e dificuldades de cada grupo de

alunos, com tendência de ampliação do módulo com a expertise do grupo. Isso significa que o método possui uma elasticidade em relação à proporção aluno/tutor, proporcionando uma maior autonomia a ambos, a partir de sua experiência. Nota-se, entretanto, ser temerário iniciar sua implantação com grande número de alunos por tutor/orientador, face à necessária aculturação do sistema, em um ambiente que pode se mostrar inóspito, do ponto de vista da quantidade de informação e efetivo funcionamento do filtro, este último o próprio tutor/orientador.

O conceito H é um método destinado a níveis mais avançados de estudo, desde a graduação, e para alunos com alguma experiência com a Internet. Já se desaconselha sua implementação para alunos de séries dos Ensinos Fundamental e Médio, que requerem acompanhamento integral, bem como para alunos sem experiência com a tecnologia computacional e a Internet, por exigirem uma instrumentalização inicial. Desse modo, quanto mais avançado estiver o aluno, melhores condições terá de aproveitamento do conceito tornando método. Quanto menos avançado estiver, maiores serão as dificuldades.

As etapas de implantação do método devem observar uma sistematização básica, composta pela formação da equipe responsável, que deve conhecer o método e suas implicações, inclusive de conhecimento instrumental dos serviços de Internet, sendo preferencialmente peritos no ciberespaço; o planejamento das atividades, com material pedagógico básico e complementar, seleção dos serviços que serão indicados para uso ao longo do curso e definição de sistema de avaliação; reconhecimento do perfil discente e conteúdo programático do curso, bem como sua distribuição. É de todo interessante que o conceito seja explicitado aos alunos desde o início do curso, compondo também parte do conteúdo a ser explorado. Finalmente, há a implementação do curso propriamente dito.

Na etapa de formação da equipe, a explicitação do método é tarefa primeira, visto que a equipe deve estar alinhada com os princípios com os quais irá trabalhar. Recomenda-se, na formação da equipe, que o método seja utilizado, de modo que o conhecimento prático seja instaurado, vivencialmente, proporcionando maior base de experiência para os futuros tutores/orientadores. Ainda nessa etapa, o grupo deve ser levado a compreender seu papel fundamental de orientar os alunos,

fornecendo a eles roteiros, percursos, tarefas e endereços, além de manter o contato frequente, sabendo o nível de avanço do aluno. Para tal, sugerem-se quadros de acompanhamento, que podem estar disponíveis on-line, disponíveis para toda a equipe, inclusive alunos. Tais quadros podem ser atualizados diária ou semanalmente. Eles indicam o estágio do aluno na realização da tarefa. Ponto importante na preparação da equipe docente é a eliminação da expectativa de saber e conhecer tudo. Certamente alguns tutores/orientadores se depararão com alunos, cujas habilidades na rede serão maiores. Isto não deve significar um problema, mas uma fonte de consulta para todos, inclusive para o tutor/orientador. A expectativa de ensinar deve estar acompanhada, sempre, da de aprender. O processo é de troca.

O passo seguinte diz da preparação do material didático, que desde o princípio não deve ser autoinstrumental, mas manter o nível de dialogismo necessário para fazer emergir as discussões e interações. O conceito H é a realização da rede, não o isolamento da autossuficiência. O material didático deve espelhar esta orientação. Assim, a primeira definição será quanto ao perfil desejado do egresso, ou seja, o que o aluno deve aprender, em termos de habilidades e competências, no curso. Essa questão conduz à definição dos objetivos do curso. A partir dessa definição, segue-se o conteúdo programático, articulado com a metodologia, balizada pelo conceito H. Com o conteúdo definido, a escolha do material observa não apenas textos, mas também vídeos, objetos de aprendizagem. O docente produzirá um guia de estudos, além do plano de curso, em que registrará as ideias centrais do módulo ou disciplina. Não há espaço para um livro-texto, sequer o docente produzirá uma apostila que sintetize e traduza o conteúdo programático. Trata-se de um roteiro, um guia, que pode ser substituído por um texto curto, de cunho ensaístico, que apresente os pontos principais das disciplinas, endereçando para novas leituras, textos específicos e autores, que devem ser buscados e lidos pelos alunos. Em nenhum momento, esse ensaio ou guia prescindirá das leituras referenciais da disciplina/módulo/curso, mas suscitará, no aluno, a necessidade de novas leituras. Essa é a base para o lastreamento do aprendizado na e em rede. Parte desses textos que os alunos buscarão devem preferencialmente estar na forma de livros e na própria Internet, possibilitando que o aprendizado se estenda a visitas a bibliotecas, livrarias

e pesquisas na Internet. Os textos on-line não devem estar em um único endereço, mas dispersos na Internet, proporcionando ao aluno o aprendizado da busca. As discussões sobre as leituras feitas devem aproveitar os serviços da Internet, como WhatsApp, Skype, GoogleTalk e quaisquer outros, bem como a produção discente deve ser disponibilizada em Blogs, Fotologs e Videologs, ou mesmo em sites sociais, como o YouTube, além de sites pessoais. O conceito H não prevê espaços fechados ou uso restrito da Internet. Destitui-se, deste modo, a restrição tida nos AVA. Quanto ao controle, para fins de avaliação e registro, pode ser feito a partir de *printscreens*, logs, *screenshots* e assemelhados, reunidos e mantidos pelo professor e posteriormente arquivados digitalmente ou impressos. Finalmente, o conhecimento do perfil discente auxiliará na previsão de tendências, face à formação e origem dos alunos, e mesmo de necessidades, como maior ou menor nível de acompanhamento/tutoria.

Conclusão

O conceito H, tornado método em sua aplicação, é uma alternativa em relação ao AVA, na implementação de cursos na modalidade a distância. Seu diferencial está na maior autonomia do aluno, bem como na construção e manutenção da concepção de rede, ao longo e depois do curso, sendo seus resultados de maior impacto, visto não estarem confinados em um ambiente fechado, restrito e de rápida obsolescência, como ocorre nos AVA. O conceito H pressupõe uma aprendizagem de valor agregado à vida, com todos os vínculos possíveis com a prática contemporânea de comunicação. Seus recursos já estão disponíveis e são os mais usuais da rede, permitindo ao aluno que dê continuidade aos projetos de disseminação do conhecimento e socialização de seu aprendizado.

Embora a aplicação do método requeira maiores cuidados, haja vista não compreender um ambiente de total controle, considera-se que tal medida de controle seja um placebo, que se assenta mais em expectativas psicológicas do que em fatos objetivos, efetivamente. As expectativas, no conceito H, são de aprendizado, melhor

ainda se for aprendido sem medida, descontrolado, incontrolável: a justa medida para a liberdade do conhecimento.

Referências

BRASIL, MEC. (2007). Referenciais de qualidade para a educação superior a distância. Brasília: MEC.

ROCHA, Cleomar de Sousa; COELHO, Rafael Franco. (2009a). **Especificidades midiáticas e convergência digital**: estranhamentos dos meios. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), 32, 2009, Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM. Curitiba: INTERCOM.

ROCHA, Cleomar. (2009b). **A distância que nos integra**. In: 2o SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO EM REDE, 2, 2009. Anais do 2º Seminário de Educação em Rede. Goiânia: CIAR, FUNAPE, 2009b.

ROCHA, Cleomar. (2010). **Sob o signo da distância**: proposições sobre EAD. In: SEMINÁRIO DE APRENDIZAGEM EM REDE, 3, 2010. Anais do 3º Seminário de Aprendizagem em Rede. Goiânia: FUNAPE.

SANTAELLA, Lucia. (2003). **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus.